

CAMÕES DIRIGE-SE AOS SEUS
CONTEMPORÂNEOS
(1973)

CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE

COM JORGE DE SENA E LEOPOLD BLOOM

Sheila Hue*

Publicado no livro *Camões dirige-se aos seus contemporâneos*, em 1973, o poema foi escrito durante estadia de Jorge de Sena na Ilha de Moçambique, ponto culminante de uma peregrinação pela África que incluiu também Angola e África do Sul. Mécia de Sena afirma em carta que foi a mais impactante viagem feita por seu marido. Acompanhado por Amilcar Fernandes e por Rui Knopfli, que publicaria *A Ilha de Próspero* no mesmo ano 1972, Jorge de Sena percorre os caminhos da ilha em que Camões passara cerca de dois anos “aperfeiçoando as suas *Lusíadas*” e trabalhando no mítico *Parnaso*, segundo testemunha Diogo do Couto.

A viagem à Ilha de Moçambique se dá no contexto das comemorações do 4º centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Como explicará mais tarde Sena, o poema nasce “da minha admiração por ele e do meu instinto de ir contra tudo o que tente oficializar seja o que for”. Contra o Camões oficial da política salazarista, contra o Camões “pastelão patriótico-clássico”, Sena, em sua homenagem pessoal a tal centenário, procede a uma dessacralização da figura do poeta. Camões é trazido para a radicalidade da literatura e da poesia modernas, do espaço épico para o cotidiano mais comezinho. Das alturas dos discursos oficiais do império para as “cócoras marinhas”: “Não é de bronze, louros na cabeça,/ nem no escrever parnasos, que te vejo aqui./ Mas num recanto em cócoras marinhas,/ soltando às ninfas que lambiam rochas/ o quanto a fome e a glória da epopeia/ em ti se digeriam. Pendendo para as pedras/ teu membro se lembrava e estremecia/ de recordar na brisa as croias mais as damas,/ e versos de sonetos perpassavam/ junto de um cheiro a merda lá na sombra,/ de onde n’alma fervia quanto nem pensavas./ Depois, aliviado, tu subias/ aos baluartes e fitando as águas/ sonhavas de outra Ilha, a

Ilha única,/ enquanto a mão se te pousava lusa,/ em franca distracção, no que te era a pátria/ por ser a ponta da semente dela.”

Tal operação, realizada com o emprego da imagem do herói-poeta que defeca e pensa, ecoa um trecho significativo do *Ulisses*, de James Joyce, publicado em 1922. Vale a pena notar que Sena principiou certa vez uma tradução do *Ulisses*, na qual não prosseguiu, e certamente não desconhecia o romance e a famosa passagem. O livro de Joyce, como paródia moderna da *Odisseia* de Homero, tem em Leopold Bloom o seu herói, um Ulisses atualizado, que viaja por sua própria mente e por sua vida no dia 16 de junho de 1904. No outrora polêmico trecho final do capítulo IV, Bloom, como um homem comum nos seus atos cotidianos, surge defecando prazerosamente, lendo, sentado à privada e refletindo, cena que figura a dessacralização do herói homérico efetuada pelo modernismo joyceano. Bloom é o novo Ulisses em sua viagem pelo cotidiano da segunda década do século XX, radicalmente fincada no presente.

Camões, como personagem épica de sua própria vida e de seu poema, herói da literatura e da língua, e então ideologicamente o herói oficial do império em 1972, ao agachar-se, aliviar-se e limpar-se (para usar verbos do poema seniano), soltando “a caca” “na brisa esbelta”, é um símile poético de Leopold Bloom, o anti-herói épico de Joyce, lendo o jornal sobre suas próprias fezes que exalam – em *Camões na ilha de Moçambique*, “versos de sonetos perpassavam/ junto de um cheiro a merda lá na sombra”. Dessacralizar, parodiar o clássico oficial com a defecação filosófica e literária do herói opera uma espécie de modernização, de *aggiornamento*, da figura do poeta quincentista, herói nacional e da nacionalidade. Não mais o “pastelão patriótico-clássico”, mas um demasiadamente humano poeta, dotado de intestinos que funcionam ao ar livre, em momento de imaginação poética. Uma cena com um poder de choque, na cena portuguesa, talvez similar ao de Joyce na língua inglesa. Anos depois de escrever o poema, Sena explicaria

o sentido da cena: “o pus a cagar para o mundo que o lixava e lixa até hoje” – espelhando a sua trajetória na de Camões, como costumava fazer.

Entretanto, o poema nele mesmo parece dizer outras coisas. O verbo defecar tem como sinônimo obrar, que por sua vez significa também gerar e compor obras, de forma que um poeta defecando ao ar livre entre pensamentos sobre sonetos e a Ilha dos Amores pode representar também o poeta obrando suas obras, por assim dizer, que são lambidas – favorecidas – pelas ninfas que, da orla do mar, espreitam o poeta.

* Pesquisadora e professora da UERJ, membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Portuguesa de Leitura, trabalha com obras do século XVI relacionadas à Literatura Portuguesa e à História do Brasil. Publicou, entre outros livros, a edição comentada “20 sonetos”, de Luis de Camões (Editora da Unicamp, 2018).